



[Atribuição BB CY 4.0](#)

As obras negro-brasileiras no Ensino Médio: Perspectivas para a temática racial na Literatura

Keyla Macena¹

Resumo

Esta pesquisa possui um caráter qualitativo (MINAYO, 1994), e tem como objetivo auxiliar na discussão da temática racial no Ensino Médio a partir da Literatura Negro-brasileira. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica baseada, principalmente, em Gomes (2017), Cuti (2010) e Munanga (2014), a fim de se apropriar das teorias acerca de raça, racismo e literatura negro-brasileira e, posteriormente, com a finalidade de contribuir com a prática docente dos professores de Literatura do Ensino Médio, assim, propusemos caminhos para uma abordagem da temática racial por meio da Literatura Negra. A pesquisa evidenciou que o caráter subjetivo da arte literária possibilita o combate ao racismo, de forma que a discussão da temática em aulas de literatura se torna imprescindível para a nossa realidade. Dessa forma, esperamos que este estudo contribua com os procedimentos de ensino dos docentes que se posicionam contrários ao racismo e enxergam na literatura e na educação formas de tornar a sociedade mais justa.

Palavras-chave

Educação antirracista; Literatura negro-brasileira; Ensino Médio; Práticas Docentes; Formação de Professores.

Recebido em: 05/04/2022
Aprovado em: 07/07/2022

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem (UFRPE), Pós-graduanda em Literaturas Infantil, Juvenil e Brasileira (FAFIRE), Licenciada em Letras (FAFIRE) e Graduanda em Pedagogia (UFPE) | E-mail: keylamacena@gmail.com

Black-Brazilian books in High School: Perspectives for the racial theme in Literature

Abstract

This research has a qualitative character (MINAYO, 1994), and aims to assist in the discussion of racial themes in High School from the Black-Brazilian Literature. For this, a bibliographic review was carried out based mainly on Gomes (2017), Cuti (2010) and Munanga (2014), in order to appropriate theories about race, racism and black-Brazilian literature and, later, with the purpose to contribute to the teaching practice of High School Literature teachers, thus, we proposed ways to approach the racial theme through Black Literature. The research showed that the subjective character of literary art makes it possible to combat racism, so that the discussion of the theme in literature classes becomes essential for our reality. In this way, we hope that this study will contribute to the teaching procedures of teachers who are against racism and who see in literature and education ways to make a fairer society.

Keywords

Anti-racist education. Black-Brazilian Literature. High school. Teaching Practices. Teacher training.

Introdução

O brasileiro, por muito tempo, negligenciou o repertório literário riquíssimo que os negros construíram ao longo dos anos, ao passo que foram os estrangeiros que iniciaram o estudo e a pesquisa para tornar visíveis as obras negro-brasileiras (CUTI, 2010). Essa negligência dos brasileiros provocou e provoca até hoje o “silenciamento” de escritores importantíssimos da Literatura Brasileira, que acabam por ter sua capacidade questionada ou são relegados a uma posição inferior a dos autores que compõem o cânone literário brasileiro, consequentemente, sendo excluídos das salas de aula.

Desse modo, a questão que norteou o trabalho foi a necessidade de se inserir no âmbito escolar as obras, de autores negros, que foram esquecidas ao longo dos anos e que são de extrema relevância para o estudo e reflexão acerca das questões raciais, de forma que precisam compor o planejamento escolar do professor de literatura. Assim, entende-se então que a pesquisa tem uma relevância social, pois tratará de temáticas como racismo, escravidão e literatura de autoria negra; e relevância intelectual e epistemológica, já que exporá e questionará os Currículos de Língua Portuguesa, a fim de saber quais os conteúdos trabalhados em sala e qual o impacto da literatura para lidar com essas problemáticas sociais já mencionadas, com a finalidade de formar cidadãos mais conscientes em relação ao próximo.

A partir dessas questões é que se efetivou a escolha das turmas a qual esta pesquisa é destinada. Optou-se pelo Ensino Médio por tratar-se de adolescentes que estão vivenciando experiências formativas e já possuem o discernimento acerca de questões que possam afetar positiva ou negativamente as suas subjetividades, fazendo-se necessário saber se posicionar, compreender, enfrentar situações de preconceitos, etc. Destarte, a pesquisadora possui experiência profissional com turmas do Ensino Médio e verificou a necessidade de se trabalhar a temática de forma mais incisiva e propositiva.

Dito isso, essa pesquisa possui um caráter qualitativo (MINAYO, 1994), cujo objetivo é tratar da temática racial no Ensino Médio por meio do ensino da literatura. Para tal, realizou-se uma revisão de estudos especializados, baseada principalmente em Munanga (2014); Gomes (2017) e Almeida (2019), a fim de se conhecer o conceito de raça e de racismo no Brasil, bem como em Cuti

(2010), para análise e propostas de trabalhos com as obras literárias brasileiras de autoria negra. Posteriormente, foram propostas, a partir dos estudos teóricos, diferentes abordagens para se trabalhar com obras de autores negros nas aulas de Literatura², com o propósito de auxiliar os professores a apresentarem a temática racial de maneira significativa.

Posto isso, o presente artigo divide-se em três partes: A primeira trabalha conceitos essenciais para o estudo e aprofundamento da temática racial na literatura; A segunda, confirmando a nossa hipótese, reafirma a importância de obras literárias para se combater o racismo que vigora fortemente na sociedade brasileira até a atualidade e a terceira parte propõe abordagens e metodologias para inserir as literaturas negro-brasileiras na sala de aula.

Desse modo, espera-se que esse artigo seja útil para os docentes, bem como questione as obras e abordagens feitas até então acerca da Literatura Negro-brasileira. Assim, advoga-se aqui pelo uso, em sala de aula, de uma literatura mais diversificada, complexa e capaz de enfrentar problemas sociais com veemência e proposição.

Raça, Racismo, Epistemicídio e Literatura Negro-brasileira

Para discutirmos a importância da Literatura Negro-brasileira para a sociedade, por consequência, para o Ensino de Literatura, é necessário conhecermos conceitos fundamentais referentes à temática racial que, felizmente, tem sido tema frequente de discussões e debates em programas televisivos e mídias sociais.

Munanga (2014) ao conceituar as noções de raça e racismo, explica que o termo raça vem do italiano *Razza*, que era utilizado, nas ciências da natureza, para categorizar determinada espécie, ao passo que “no latim medieval, o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoa que têm um ancestral comum e que, *ipso facto*, possuem algumas características físicas em comum” (MUNANGA, 2014, p.1).

Portanto, o conceito de raça é complexo e possui variantes dependendo da cultura, do período e de quem o propõe. Entretanto, ele é utilizado para

² O termo *literatura* será utilizado em letra maiúscula quando se referir a disciplina escolar ou área de estudos, ao passo que, quando vier em letra minúscula, tratar-se-á das obras literárias em si ou o conjunto delas.

determinar uma hierarquia entre “espécies”, de modo que seres com certas características são superiores a outros que, por consequência, são inferiores por conta de seu fenótipo³. Assim, Munanga (2014) aponta que o conceito de raça foi transportado das ciências da natureza para tornar legítima a dominação de uma classe sobre outra.

Ao fazer um percurso histórico dessas categorizações, o teórico congolês explica que no Século XVIII a cor das pessoas foi o maior divisor entre as raças e foi nesse período que ficaram determinadas as três raças presentes na mente da população: raças branca, negra e amarela. Já no Século XIX, as características fenotípicas foram somadas ao critério de cor “para aperfeiçoar a classificação” (MUNANGA, 2014, p.3 - 4).

Portanto, é visível como essas categorizações foram ganhando visibilidade e status científico a ponto de permanecerem nas sociedades ocidentais até a atualidade, o que culminou na separação por identificação ou preconceito, produzindo o que chamamos de racismo.

O racismo, por sua vez, pode ser entendido como

uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural (MUNANGA, 2014, p. 7-8).

Desse modo, percebemos que na visão do racista, a pessoa com tais características não possui capacidade suficiente em outras áreas, seja intelectual, moral ou física. Logo, uma pessoa não pode ser inteligente se for indígena ou não tem caráter se for negra e assim por diante, de forma que o racista cria mecanismos de impedimento para essas pessoas, não permitindo alcançarem ascensão social, não as tratando com respeito, agindo com violência perante pessoas de determinada cor ou fenótipo, etc.

Entretanto, não há apenas um tipo de racismo, bem como a realidade de determinado país ou continente não é suficiente para explicar ou tratar do racismo existente em outros locais, que possuem características próprias. O Brasil apresenta diferentes manifestações de racismo, dentre elas temos o racismo velado, recreativo, etc. todos provenientes do *Racismo Estrutural* que

³ “Conjunto das características de uma pessoa herdadas por fatores genéticos e adquiridas por influência do meio” (Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 582).

assola o país. Almeida (2019) explica que o Brasil possui uma discriminação racial que está enraizada em todas as estruturas sociais, afetando a entrada e permanência do negro em diversos espaços que agem de forma discriminatória e afetam a vida da população, principalmente nos campos do direito, da política e da economia.

O filósofo acrescenta que o racismo é decorrente da estrutura social, do modo com que as relações são estabelecidas, ou seja, não se trata de uma doença ou desarranjo social. “Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção” (ALMEIDA, 2019, p. 50).

Sobre a realidade brasileira e o racismo aqui instaurado, em consonância com os teóricos anteriores, a pesquisadora Nilma Lino Gomes (2017, p.51), afirma que “O Brasil construiu, historicamente, um tipo de racismo insidioso, ambíguo, que se afirma via sua própria negação e que está cristalizado na estrutura da sociedade. Sua característica principal é a aparente invisibilidade”.

Logo, o brasileiro não se assume como racista, às vezes até nega o racismo que existe no país e, quando assume a sua existência, não se coloca como autor de atitudes racistas. Acerca disso, Ribeiro (2019), em seu *Pequeno Manual Antirracista*, expôs uma pesquisa realizada pelo Datafolha, em 1995, que evidenciou que 89% dos brasileiros reconheciam que havia racismo no Brasil, entretanto, essas mesmas pessoas que responderam não se identificavam como racista, ou seja, observavam o racismo como algo distante e que elas seriam incapazes de cometer, quando, na verdade, a maioria dos atos racistas é praticada de maneira impensada, já que é um reflexo do racismo estrutural.

A história nos mostra que o povo brasileiro sempre ignorou as questões raciais, sempre teve medo de estudá-las, entendê-las e mudá-las, pois já reconhecia o processo de escravização, abolição e pós-abolição como dolorosos e violentos e, por isso, é que “foram os estrangeiros estudiosos do Brasil que deram início ao questionamento envolvendo africanos escravizados, sua descendência e a literatura brasileira” (CUTI, 2010, p. 15).

É partindo dessa mentalidade colonial e racista que os negros foram, ao longo dos anos, escanteados e marginalizados enquanto produtores de conhecimento, enquanto seres capazes intelectualmente, esse fenômeno de exclusão do pensamento negro, chama-se epistemicídio (RIBEIRO, 2019). Desse modo, é inserindo e valorizando a produção intelectual de pessoas negras

no espaço escolar – que é espaço de difusão de saberes – que se pavimentará um percurso não racista em todas as estruturas sociais.

Posto isso, ler, expor e aprender com as obras negras nos possibilita não só a quebrar as correntes de silêncio como nos auxilia a conhecer a História do Brasil que não pode ser contada sem a presença ativa das pessoas negras que construíram o país e enfrentaram a maior vergonha da nossa história, a escravidão.

Assim, pretende-se nesse artigo dar espaço as obras de autoria negra e possibilitar novos caminhos para que elas sejam trabalhadas no Ensino Médio. Destarte, ao falar de Literatura Negro-brasileira, estamos nos referindo às obras, sejam elas contos, crônicas, romances, etc., produzidas por autores brasileiros cuja “raça” seja negra. Optou-se por essa designação, pois, como afirma Cuti (2010, p. 35):

Denominar de afro a produção negro-brasileira [...] é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a a margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais.

Optar por utilizar o termo Literatura Negro-brasileira nesse estudo é seguir uma linha de pensamento que inclui os autores negros como essenciais na Literatura Brasileira e não designa que apenas as obras escritas por pessoas brancas que devem estar no cânone literário ou que são escritas com uma melhor qualidade.

É nessa perspectiva que o teórico afirma que

“Afro-brasileiro” e “afro-descendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana [...] Atrelar a literatura negro-brasileira à literatura africana teria um efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última. A literatura africana não combate o racismo brasileiro. E não se assume como negra. (CUTI, 2010, p. 36).

Portanto, trazer os autores negros como fundamentais para a Literatura Brasileira e não como mero “enfeite” é um pequeno e necessário passo para se compreender a realidade do país e combater efetivamente o racismo estrutural.

A importância da literatura no enfrentamento ao racismo

Munanga (2014) afirma que, para enfrentar o racismo, existe a necessidade de ele ser bem conceituado, porque a falta de consenso no que diz respeito a essa violência/crime atrapalha, inclusive, na busca por soluções e enfrentamentos eficientes, por isso que no tópico anterior, ocupamo-nos em trabalhar conceitos caros para se entender a questão racial no país e poder tratá-la com seriedade.

Assim, poderemos avançar na discussão a fim de comprovarmos a nossa hipótese de que há uma efetividade no combate ao racismo quando os estudos raciais são feitos a partir da literatura ficcional, de modo que corrobora a formação de pessoas mais respeitadas, já que estarão em contato com obras que trabalham questões sociais e os educandos podem perceber as problemáticas pelo ponto de vista dos próprios autores racializados.

Dessa maneira, entendendo que “a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (CUTI, 2010, p. 12), fica claro que um dos meios de se combater o racismo por meio da literatura é consumindo as produções de autores negros, que pensaram e escreveram acerca de teorias, retrataram experiências em seus romances, contos e novelas, contribuíram e contribuem para a formação de uma mentalidade livre de preconceito.

Pois, como afirma Morrison (2019, p. 121), “a ficção narrativa proporciona uma selva controlada, uma oportunidade de ser e de se tornar o Outro. O estrangeiro. Com empatia, clareza e o risco de uma autoinvestigação”, portanto, o aluno-leitor poderá se ver no *locus* social em que o escritor negro se encontra, podendo não só se identificar, como desenvolver a alteridade e se autoconhecer enquanto ser humano, percebendo a condição social a qual está inserido e como pode ser um agente modificador de situações de desrespeito e desigualdade.

É nessa perspectiva que Melo (2016) alega que, a partir da Literatura, o estudante vai desenvolvendo uma consciência que não se reduz apenas ao saber técnico, mas também constituída de diferentes elementos, como dramas, dores, conquistas e vitórias, de forma a entender a realidade do povo negro.

Em vista disso é que os Movimentos Negros sempre defenderam a educação como espaço de intervenção social e de emancipação (GOMES, 2017),

pois, por meio de ações educativas é que se constrói uma consciência de mundo, bem como se instiga a busca por liberdade.

Então, defende-se aqui que essa transformação social e essa formação antirracista da sociedade brasileira se darão a partir da educação e do processo de humanização dos corpos negros por meio da literatura negro-brasileira, sendo necessárias proposições de trabalhos e obras que possam suscitar discussões necessárias nas aulas de Literatura.

Entretanto, entende-se a dificuldade de se discutir as temáticas raciais e propor efetivas mudanças com relação a ela, mas isso não torna impossíveis ou desnecessárias ações contrárias ao racismo, pois como constata Cuti (2010, p.13), “certa mordaza em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por seguidas gerações, mas a sua fibra é forte, tecida nas instâncias do poder e a literatura é um de seus fios que mais oferece resistência”. Ou seja, a leitura literária é o eixo de ensino da Língua Portuguesa capaz de propor reflexões e mudanças que possam vencer ações opressoras.

Posto isso, fica evidente o porquê de a disciplina Literatura ser um braço importante para a inserção da temática étnico-racial nas escolas, pois é a partir dela que o jovem acessa novos saberes, familiariza-se com as diferentes culturas e amplia a sua consciência de mundo (OLIVEIRA; JAMIR E SILVA, 2017), ou seja, o estudante formará o seu imaginário abarcando outras culturas, outras características e, portanto, aprendendo a aceitá-las e respeitá-las.

No entanto, reconhecemos que a Literatura não é a única forma de combater o racismo, mas a compreendemos como extremamente eficaz, por promover a empatia e a alteridade. Além de proporcionar um conhecimento com relação a povos e culturas diferentes, já que, ao se tratar de Brasil, a sociedade é diversificada, multicultural e se construiu com o trabalho de diferentes povos.

Segundo Melo:

Embora a literatura, por si só, não possa resolver os problemas de exclusão histórico-cultural e desigualdades socioeconômicas dentro e fora do sistema educacional, pode ser potencializada a favor de uma educação intercultural, visando à formação de novas gerações que reconheçam a diversidade cultural como um enriquecimento e não como um prejuízo para a sociedade (MELO, 2017, p. 94).

Assim, a escola, enquanto estrutura e pilar fundamental da sociedade, que abarca diferentes tipos de pessoas, também é passível de práticas discriminatórias, mas precisa se reconfigurar e combatê-las, pois, não sendo um

ser abstrato, mas sim um espaço físico e “diplomático” formado por professores, alunos e comunidade do entorno, é uma ingenuidade achar que o racismo no âmbito escolar e nos demais espaços sociais se cessará sozinho, é preciso, portanto, que as pessoas se mobilizem para discutir – de forma propositiva – as questões raciais. Do mesmo modo que os processos de ensino, de aprendizagem e de construção cidadã precisam ser construídos por um diálogo permanente entre escola e família, o combate ao racismo também precisa sê-lo.

Ademais, a Literatura brasileira e seus enredos proporcionam discussões amplas e complexas, capazes de tratar do racismo e da construção de personagens e narrativas de pessoas negras de forma propositiva. Portanto, há diferentes formas de se discutir a temática racial por meio dos escritos de autores negros.

Proposições para o trabalho com a literatura negro-brasileira no Ensino Médio

Por meio da literatura negro-brasileira é possível pensarmos a emergência das discussões raciais no país, bem como no desconforto proveniente de visíveis práticas racistas, de forma que trabalhar com a leitura literária no Ensino Médio, é oferecer alternativas viáveis para pensar o mundo de formas diferentes e combater os preconceitos.

Desse modo, a nossa investigação caminha para a exposição das experiências de diferentes professores com o ensino da literatura e da arte, adaptando-as e oferecendo subsídios para propor caminhos viáveis aos docentes que enxergam na literatura a relevância e efetividade para se trabalhar a temática racial.

Um empreendimento, considerado por nós, de sucesso, foi a criação da Biblioteca da turma, projeto desenvolvido no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, com estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio, que consiste em oferecer diferentes títulos literários aos alunos, para que eles escolham, façam a leitura da obra e socialize a sua experiência com os demais colegas, produzindo uma resenha ou algum outro material em um gênero diferente (ROSA *et. al.*, 2018). Dessa forma, o projeto

Visa a ampliação do universo estético-crítico dos estudantes com a mobilização de leitura de um conjunto de obras literárias pelo coletivo de alunos-leitores os quais são mediados para percepção do ato de ler enquanto prática social: lugar de sedução, do prazer, do labor, da crítica, enfim, espaço para se exercer a nossa própria humanidade (ROSA *et.al.*, 2018, p. 123).

Logo, é perceptível a preocupação do projeto com a formação humana do estudante, capaz de pensar e viver criticamente, entendendo a literatura como um elemento artístico capaz de promover consciência de mundo e valores sociais.

Posto isso, um caminho a se trilhar para se trabalhar a temática racial, a partir do fazer pedagógico desses professores, é incorporar títulos de obras produzidas por autores negros, favorecendo a reflexão acerca da formação racial do país, a construção de um imaginário livre de preconceito e a promoção do debate acerca do racismo. Pois, segundo Macena e Almeida (2020), trabalhar com obras escritas por autores não brancos faz com que,

as identidades dos povos vão sendo afirmadas e reafirmadas mediante uma sociedade racista que reproduz o preconceito no ambiente escolar. Os indivíduos passam a se enxergar como autores de suas histórias ao invés de meros objetos retratados pelos brancos e tornam-se seres ativos e conscientes de seus direitos e deveres (MACENA; ALMEIDA, 2020, p. 15).

Sendo assim, o estudante negro se enxerga enquanto indivíduo e se sente pertencente ao espaço escolar, de forma que as suas pautas e vivências se tornam objeto de debate, o que se faz de extrema importância na formação de um leitor crítico, já que, conforme nos mostra uma pesquisa realizada pela professora Marly Amarilha (2007), os estudantes se satisfazem em discutir após a leitura; o debate acerca dos livros e do conhecimento adquirido por eles é essencial e lhes dá o prazer da autonomia, desenvolvendo a criticidade de cada um, além de propiciar a discussão conjunta de diferentes temáticas, em que eles revelam as suas compreensões acerca do que foi lido.

Outra prática que pode ser adotada por professores do Ensino Médio para instigar os alunos à discussão acerca da temática racial, é a utilização não apenas da literatura, mas também de outras artes, como imagens, filmes, vídeos, etc. possibilitando a interligação entre as diferentes linguagens para promover uma discussão social.

Sobre isso, Figueiredo (2018, p. 6) afirma que fazer uso da intersemiose⁴ em sala de aula promove nos alunos mais sagacidade e criticidade, de forma que eles conseguem “assumir uma postura no mundo mais problematizadora, questionadora e impulsionadora de mudanças”.

Assim, o professor antirracista pode se utilizar do cinema e da pintura para mostrar a realidade histórica a qual os negros brasileiros estiveram inseridos e como eles têm se utilizado da arte para combater o racismo e contar a história a partir de suas vivências e seus pontos de vista, já que “no campo das artes, temos experiências notáveis realizadas pela população negra no Brasil” (RIBEIRO, 2019, p. 28).

Desse modo, Vidal *et. al.* (2018) aponta para o fato de que as artes visuais estão na composição da linguagem artística presente na Educação Básica, de forma que é possível se aproximar de diferentes leituras de mundo que produzem discursos e indicam pedagogias, portanto, formas de se ensinar.

Para Costa (2002, p. 4 apud. Vidal *et. al.*, 2018, p. 86):

As histórias narradas, seja sob a forma de textos literários, de filmes, de imagens pictóricas ou de análises científicas, entre outras tantas manifestações culturais, acabam por constituir aquilo que é concebido como a identidade de indivíduos, povos, culturas, grupos, objetos, sentimentos, etc.

Portanto, fica evidente a importância de se intercalar a leitura de imagens com a leitura de obras literárias, de maneira que é possível fazer um estudo comparativo entre o que nos é apresentado pelo autor de um romance ou pelo pintor de um quadro reconhecido, proporcionando uma discussão mais consistente e propositiva.

Os professores Fabiana Vidal, Bruna Cavalcanti e João Vital (2018), ao analisarem os quadros de diferentes artistas, como Rugendas e Debret, que retratam a vinda dos negros ao Brasil e as suas vivências nas terras brasileiras, enquanto escravos, afirmaram que “Nas cenas retratadas, percebe-se que não lhes foi dada outra possibilidade que não a de se comportarem como objetos a serem transportados e vendidos para brancos” (Vidal *et. al.*, 2018, p. 91).

Assim, faz-se possível a leitura da sociedade brasileira tal qual a conhecemos, onde o racismo vigora enquanto prática e os negros são subalternizados. Utilizar-se, portanto, de outras artes junto à literatura

⁴ “muitos/vários códigos interpenetram-se produzindo híbridos que são os mutantes da qualidade nova”; através da intersemiose, cruzam-se “outras linguagens, outros códigos, outros recursos, outros meios” (LEMINSKI, 1997, p. 18 apud. MUCCI, 2009, s/p).

possibilita uma análise mais complexa da realidade, colocando em voga a ligação existente entre arte, cultura, sociedade e literatura.

Todavia, pensar a leitura de quadros pode não ser a melhor opção para determinada turma ou determinada proposta, de forma que os professores podem incorporar outras obras artísticas em suas aulas, como músicas ou filmes, já mencionados anteriormente.

Oliveira e Carmo (2018) apontam para o crescente uso de filmes em sala de aula para se analisar a realidade, tendo em vista que a imagem se torna motivadora de conhecimento e propicia aos estudantes a análise da cena assistida. Entretanto, algumas críticas são feitas a utilização do “cinema” em sala de aula, como o fato do exagero nos acontecimentos ou na inserção de cenas romantizados para prender a atenção do público, mas entendemos aqui que, enquanto objeto artístico tal qual a literatura o é, ambos se utilizam de recursos estéticos e estilísticos, fazendo uso da “licença poética” para transmitir a mensagem que deseja para o público que assiste ou lê.

Dessa maneira, fica evidente que

O filme, enquanto recurso didático, quando associado a outras leituras e com a mediação do professor, adquire a capacidade de promover a simbiose entre o cotidiano e o científico. Com as mais diversas abordagens de conteúdos culturais, econômicos, sociais e políticos, as narrativas fílmicas nos permitem a interpretação dos fatos, a comparação entre diferentes grupos e a narrativa contextualizada... (OLIVEIRA; CARMO, 2018, p. 81).

Por fim, como último caminho por nós proposto, apresentamos a utilização de uma abordagem no ensino da literatura pautada na interseccionalidade⁵, a partir da Leitura de obras negro-brasileiras escritas por mulheres, como é o caso da autora Maria Firmina dos Reis, primeira escritora negra a publicar um romance, cuja trajetória de vida se intercruza com a história da escravidão no país, já que viveu no Século XIX.

A obra da autora que possibilitaria esse trabalho é *Úrsula*, de 1859, cujo “fio condutor do romance é o conjunto de situações cotidianas de exploração entre brancos e negros escravizados e da desigualdade de gênero” (MACENA et. al., 2020, p. 6). Vale ressaltar que outras escritoras negras também escreveram obras literárias que podem ser analisadas e trabalhadas a partir da perspectiva

⁵ “A conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (CRENSHAW, 2002, p. 175 *apud*. AKOTIRENE, 2019, p. 73).

interseccional, como a escritora contemporânea Conceição Evaristo, entre outras.

Adichie aponta que “assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder” (ADICHIE, 2019, p. 23). Sabe-se que historicamente a mulher preta não teve espaço para apresentar os seus discursos acerca do racismo, de forma que muitas vezes foram apagadas da Historiografia Literária, impossibilitando ao leitor a reflexão acerca do gênero e da raça em diferentes espaços.

Assim, no que se refere ao ensino da literatura, Lopes (2014) propõe uma sequência didática cujos conteúdos abordados seriam Romantismo, prosa romântica e romance afro-brasileiro a partir do romance de Maria Firmina dos Reis, possibilitando uma reflexão acerca de racismo e interseccionalidade.

Lopes propõe ao professor que oriente os alunos a fazerem a leitura do romance antecipadamente, de maneira que as duas aulas sejam destinadas para discussão e resolução de atividades. Assim, o foco da preleção será no gênero romance, nas personagens e no contexto histórico ao qual a obra está inserida.

As aulas passarão os elementos da narrativa, a discussão sobre o enredo e a temática racial que “nesse momento será enfatizada a construção das personagens e do discurso abolicionista” (LOPES, 2014, p. 171) e o professor pode mediar uma leitura conjunta do primeiro capítulo do romance.

Em termos de avaliação, recomenda-se que o docente o faça por meio de questões objetivas ou discursivas, “nas quais se solicite tanto as características românticas da narrativa, quanto os procedimentos que a definem pelo aspecto étnico e político” (LOPES, 2014, p. 174). Em vistas da metodologia abordada para se discutir as questões raciais e de gênero proposta pela obra, o professor pode optar por trabalhar com os estudantes da 3ª série do Ensino Médio que, enquanto vestibulandos, necessitam discutir sobre temáticas sociais e realizar questões para que obtenham êxito nos vestibulares.

Destarte, a partir das perspectivas apresentadas acerca da temática racial no ensino da literatura é possível que o professor desenvolva, junto aos alunos, propriedade acerca da temática, bem como de correntes da teoria literária, explore a historiografia da literatura e discuta com efetividade os problemas sociais, já que a literatura é, também, uma expressão da realidade.

Considerações finais

O presente artigo discutiu a questão racial no ensino de literatura para o Ensino Médio, atentando-se para a efetividade da leitura literária no combate ao racismo, temática essa que assola o Brasil desde a sua fundação e que, felizmente, tem repercutido bastante durante os últimos anos.

Assim, apresentamos aqui três possíveis práticas pedagógicas para se trabalhar a questão racial nas aulas de Literatura Brasileira, diversificando as metodologias, a fim de que o professor possa adaptá-las conforme a necessidade da série e da turma. Dessa forma, apontamos os caminhos da discussão conjunta de obras literárias, da análise intersemiótica e da solução de questões objetivas e discursivas sobre obras literárias interseccionais.

Posto isso, compreendemos a necessidade da educação antirracista na formação de professores para que as questões raciais possam ser trabalhadas de formas efetivas e propositivas nas aulas de literatura, a fim de verdadeiramente se combater o racismo no espaço escolar.

Todavia, entendemos que esse trabalho não será o último ou o definitivo para a promoção do tratamento equitativo entre negros e brancos no âmbito escolar, mas esperamos que seja um suporte para que a discussão se inicie e continue nas aulas de literatura, com vistas a promover uma formação mais humanitária tanto para os docentes, como para os educandos.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvo. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AMARILHA, Marly. Uma janela sobre a pesquisa em ensino de literatura. In: MERCADO, Luis Paulo Leopoldo; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva (orgs.). **Formação do pesquisador em educação: Profissionalização docente, políticas públicas, trabalho e pesquisa**. Maceió: EDUFAL, 2007.

BECHARA, Evanildo (org.). **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BRASIL. **Lei 10.645**. Senado Federal: Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 22 de setembro de 2020.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Ministério da Educação. Brasília, 2004

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

FIGUEIREDO, Mônica dos Santos Melo. Relações intersemióticas em vivências de sala de aula. **Congresso Nacional de Educação**, 2018. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_E_V117_MD1_SA17_ID4849_05072018182924.pdf>. Acesso em: 09 de Maio de 2021.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010: características da população e dos domicílios, resultados do universo**. Rio de Janeiro, 2011.

LOPES, Elisângela. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Coord.). **Literatura afro-brasileira: abordagens na sala de aula**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

MACENA, Keyla Patrícia da Silva; ALMEIDA, Eliene Amorim de. A diversidade étnico-racial na sala de aula trabalhada a partir da Literatura infantil. **Revista Educare**. João Pessoa, v. 4, p. 1-18, jan./jun. 2020.

MACENA, Keyla Patrícia da Silva; BONAMIGO, Lais; ALMEIDA, Eliene Amorim de. Análise da obra oitocentista Úrsula sob a perspectiva das categorias gênero e raça. **Revista Educare**. João Pessoa, v. 4, p. 1-18, jan./jun. 2020.

MELO, Rejane Oliveira de. **A literatura na perspectiva de uma educação para inter/multiculturalidade**. Recife: Bagaço, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros: Seis ensaios sobre racismo e literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUCCI, Latuf Isaias. Intersemiotividade. In: **E-dicionário de termos literários**. Dez, 2009. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/intersemiotividade/>>. Acesso em: 09 de Maio de 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Geledés, 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem->

[conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf](#) >. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

OLIVEIRA, Érica Patrícia Barbosa de; CARMO, Erinaldo Ferreira do. Relatos de experiências na utilização de filmes no estudo da história e da cultura dos povos africanos. In: ROSA, Adriana Letícia Torres da; XIMENES, Lavínia de Melo e Silva; DINIZ, Madson Gois (orgs.). Formação docente: **O espaço escolar como campo de investigação e inovação** pedagógica. Recife: Ed. UFPE, 2018.

OLIVEIRA, Rayane Maria da Silva; JAMIR E SILVA, Liliane Maria. **Literatura infantojuvenil afrobrasileira**: caminhos na superação do racismo. Lumen, Recife, v. 26, p. 45-65, jan./jun., 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, Adriana Letícia Torres da; ALMEIDA, Cristina Lúcia de; BARROS, José Batista de; SANTOS, José Eduardo Gonçalves; DINIZ, Madson Gois. A leitura literária na educação básica: nas páginas da biblioteca da turma. In: ROSA, Adriana Letícia Torres da; XIMENES, Lavínia de Melo e Silva; DINIZ, Madson Gois (orgs.). Formação docente: **O espaço escolar como campo de investigação e inovação** pedagógica. Recife: Ed. UFPE, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: Uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. 11 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIDAL, Fabiana Souto Lima; CAVALCANTI, Bruna Dourado; VITAL, João Marcello Amaral. Reflexões sobre a representação dos (as) negros (as) na arte brasileira. In: ROSA, Adriana Letícia Torres da; XIMENES, Lavínia de Melo e Silva; DINIZ, Madson Gois (orgs.). Formação docente: **O espaço escolar como campo de investigação e inovação** pedagógica. Recife: Ed. UFPE, 2018.